OBJETO CIENTÍFICO DA ARQUIVOLOGIA: Reflexões no Âmbito do Seminário de Saberes Arquivísticos (SESA)

Vitor Hugo Teixeira Araújo
Mestrando em Ciência da Informação | UFPB
vitorhugo-teixeira@hotmail.com

SCHMIDT, Clarissa Moreira dos Santos. Objeto científico da Arquivologia: reflexão para o debate. In: **Projeto SESA on-line**. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CjlVT0RDZKU&list=PLxN9uB8ODjKmszvX0wANWVEQ0Zx6X8HYw&index=11. Acesso em: 22 dez. 2021.

Assim como muitos setores das mais diversas atuações mundo afora, o projeto Seminário de Saberes Arquivísticos (SESA), no contexto do isolamento social demandado pela pandemia causada pelo vírus da Covid-19, recorreu assertivamente a recursos tecnológicos para garantir a continuidade de suas atividades coletivas nesse difícil período que a sociedade ainda se esforça para superar.

Fundado há mais de dez anos e coordenado pela professora Dra. Eliete Correia dos Santos, o SESA teve sua trajetória consolidada no âmbito do curso de bacharelado em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por sua importante atuação para o ensino, pesquisa e extensão. Em consequência de notável empenho, hoje conta com o reconhecimento e uma visibilidade que lhe garantiu o apoio de diversas frentes de colaboração: profissionais, pesquisadores e instituições de educação superior nacionais e internacionais, a exemplo de universidades no Porto e em Coimbra - Portugal.

Em sua proposta atual, o “SESA On-line” tem promovido, através de seu canal no YouTube, a realização de palestras, mesas-redondas e entrevistas relacionadas aos temas mais relevantes da atualidade, absorvidos pelos estudos em informação. Tais iniciativas permitem congregar arquivistas, estudantes e professores, assim como pesquisadores das diversas áreas com as quais a Arquivologia constitui sua

CC BY NC ND

multidisciplinaridade: Ciência da Informação, Biblioteconomia, Linguística, Administração, História, Museologia, Direito, entre tantas outras que se desenvolvem também em torno da informação como objeto de exploração.

A palestra “Objeto científico da Arquivologia: reflexão para o debate” apresentada por Schmidt (2020), trouxe relevantes contribuições para o que tem sido uma das mais complexas discussões dessa área do conhecimento. Clarissa Moreira dos Santos Schmidt é professora adjunta no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (UFF) e possui publicações que são utilizadas como material didático na maioria, senão em todos os cursos de graduação em Arquivologia do Brasil. Sua tese de doutorado em Ciência da Informação, defendida em 2012 na Universidade de São Paulo (USP), acabou conquistando o II Prêmio Maria Odila Fonseca, oferecido pela Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB), com o título “Arquivologia e a construção de seu objeto científico: trajetórias, concepções, contextualizações”. Além do expressivo currículo acadêmico, vale ressaltar a mobilização político-social que exerce em prol da categoria, mediante participação no quadro diretivo da Associação de Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP) desde 2008.

Ao iniciar a palestra, Schmidt situou *objeto científico* como sendo aquele que atribui identidade ao campo disciplinar, que é fruto da discussão da comunidade científica, ressaltando a sua importância para todas as áreas do conhecimento. No caso da Arquivologia, evidenciou uma certa polarização que ainda persiste na literatura: há aqueles que defendem como objeto de estudo o *documento de arquivo*, enquanto outros defendem que o objeto de estudo da Arquivologia é constituído pela *informação arquivística (ou informação orgânica)...*

Relatando acerca do processo histórico da ciência dos arquivos, a pesquisadora cita o início do uso administrativo de documentos pelos governos na Grécia antiga, que, como se sabe, utilizou diversos suportes para o registro informacional. Mais tarde (1789), as tranformações propiciadas pela Revolução Francesa teriam sido o marco necessário para o posterior estabelecimento dessa ciência no mundo, que viria a ocorrer em meados do século XX, embasado pelos principais aspectos: desenvolvimento em solo europeu, a partir das necessidades de organização de vários países; a realização de congressos, como o congresso de arquivistas e bibliotecários de Bruxelas (1910); o estabelecimento de novas instituições arquivísticas e a oferta de serviços; a efervescência de desdobramentos

CC BY NC ND

teóricos (como os conceitos de organicidade, custódia e autenticidade); e as publicações de manuais de gestão de arquivos. Considerando esses aspectos, o objeto científico da Arquivologia teria sido pensado, inicialmente, a partir de um contexto em que os documentos eram considerados *históricos, de natureza pública e de suporte predominantemente de papel.*

A partir da segunda metade do sécuo XX, o resultado da Segunda Guerra Mundial teria garantido aos Estados Unidos o protagonismo social, econômico e cultural no "boom informacional" que havia sido ocasionado, que demandou esforços inéditos para a organização das informações. Nessa ocasião, os EUA teriam contribuído com o estabelecimento de regras para padronização dos arquivos, como a avaliação dos documentos e o desenvolvimento da teoria das três idades (o ciclo de vida documental), tendo sido Schellenberg um dos seus principais teóricos. Com esse avanço histórico, o novo tratamento dado aos arquivos contribuiu para expandir no mundo a noção do objeto de estudo da Arquivologia, que passou a considerar não apenas o documento histórico, mas também aquele ainda vinculado ao seu produtor (o que hoje chamamos de *arquivo corrente*).

Sob a ótica da professora, a consolidação da Arquivologia se dá no final do século XX e início do século XXI, com o estabelecimento de uma comunidade científica estruturada e a definição de eventos e periódicos científicos, em que os problemas passaram a ser norteados pelas novas formas de produção documental, sobretudo devido ao progresso tecnológico. Com o advento do documento digital, alteraram-se os paradigmas e muitos passaram a questionar a própria área, perguntando se este seria o fim da Arquivologia e dos documentos.

No entanto, foi da Arquivologia que o avanço sofrido pelo suporte documental, que passou a ser também eletrônico, demandou importantes intervenções para a sua produção, uso e preservação. Nesse percurso, em diferentes partes do mundo, passaram a ser adotadas diferentes abordagens e teorias específicas para o objeto científico da Arquivologia: na Austrália, na década de 1990, o *Record Continuum* (o objeto a ser tratado pela ciência dos arquivos é a informação gerada pelos processos); em Portugal, na década de 1990, a *abordagem pós-custodial* (mais ênfase sobre a informação e o acesso do que sobre os aspectos físicos do documento: a Arquivologia como uma área técnica da Ciência da Informação); no Canadá, na década de 1980, a *arquivística integrada* (a informação orgânica como objeto científico e a integração dos

CC BY NC ND

valores primário e secundário dos documentos, em contraponto à visão americana); na Espanha, na década de 1980, estudos sobre *tipo documental e identificação arquivística* (o objeto científico é o Arquivo enquanto conjunto de documentos, sendo a Arquivologia uma ciência autônoma); no Canadá e na Itália, também na década de 1980, a *Diplomática Arquivística ou Contemporânea* (o objeto científico é o documento de arquivo); também no Canadá, na década de 1980, a *Arquivística Funcional ou Pós-moderna (Process-Bound Information:* o objeto a ser tratado é a informação gerada pelos processos administrativos, organizada com vistas a possibilitar a recuperação do seu contexto).

Com a descrição dessas principais abordagens, Schmidt revela os principais atores encarados ao redor do mundo como objetos de estudo pela Arquivologia ao logo dos anos, a saber: o *Arquivo* enquanto *conjunto de documentos*; *o documento de arquivo; a informação orgânica registrada; a informação arquivística; a informação social; a informação processual.*

Para a palestrante, essas diferentes concepções são resultados de processos históricos e epistemológicos imbricados nas próprias evoluções e mudanças nas naturezas dos registros, da produção documental e do uso de documentos e informações, isto é, do seu contexto de produção.

Para finalizar a explanação, Schmidt apresenta importantes questões para reflexão: frisa que não há unanimidade de pensamento (embora possam haver alguns consensos) e que, independentemente da abordagem teórico-prática adotada nos contextos de atuação dos arquivistas – que é de livre escolha dos gestores das unidades de informação, uma vez que no Brasil não há uma política rígida para essa definição –, há elementos que não podem ser perdidos de vista. São eles: o documento e a informação arquivísticos devem ser autênticos; o arquivista precisa compreender o contexto de produção dos documentos; precisa saber representá-lo; e, mais do que isso, precisa mantê-lo ao longo do tempo. Ressalta que, ao mesmo tempo em que o documento arquivístico registra ações, ele também é resultado delas e, por conseguinte, tem de ser capaz de prová-las.

Após a explanação da palestrante, muitas foram as interações do público, com perguntas diversas para tentar compreender melhor o objeto científico da Arquivologia. Um dos principais pontos ressaltados foi sobre a necessidade de as pesquisas brasileiras, sem desconsiderarem a vasta e necessária influência de todas

CC BY NC ND

as vertentes estrangeiras, focarem mais nas especificidades do seu próprio fazer arquivístico. Segundo a autora, tal postura viria como uma possibilidade de atribuirmos uma visão cada vez mais genuína ao nosso próprio objeto, e que posteriormente essa visão, fruto de uma construção coletiva, pudesse vir a ser considerada a mais apropriada para a nossa realidade.

Mediante a vasta produção documental do planeta, que é constante e possui suportes variáveis, pode-se afirmar que o viés teórico-arquivístico, abordado pela palestra, deve perpassar as organizações de todas as áreas de atuação. Essa realidade faz gerar, continuamente, novas oportunidades para intervenções profissionais diversas no escopo da Arquivologia. Dessa forma, os arquivistas, ao empregar conhecimentos específicos essenciais para a organização das informações visando o seu acesso e preservação para o presente e para a posteridade, constituem-se como importantes agentes de mudança onde quer que atuem. E o projeto SESA, com sua vasta atuação, certamente permanecerá contribuindo para que a Arquivologia avance com a sua mais acertada expressão no Brasil e no mundo.

CC BY NC ND